

MARACATU LEÃO COROADO: SEMELHANÇAS NA PRÁXIS EDUCATIVA DO GUARDIÃO DA TRADIÇÃO E A RELAÇÃO AVUNCULAR DE PARENTESCO AFRICANA.

LUCIANO BORGES DE SOUZA

Introdução

A partir deste artigo, pretendo lançar o meu olhar e a minha reflexão acerca da práxis educacional informal. Tomo como exemplo para essa reflexão, a relação que existe entre o guardião do Maracatu Leão Coroado e a educação informal. Informal no sentido de não instituída pelo poder público, mas pautada e forjada no cotidiano dos adolescentes que tem contato com Mestre Afonso Aguiar (Presidente do Maracatu Leão Coroado e atual guardião do segredo centenário que é repassado a cada novo líder no ato da sucessão).

Pretendo ainda, realizar uma pequena incursão no que tange a origem do maracatu e a relação do guardião imbricado com a educação e de como essa imbricação tem semelhança com a relação avuncular de parentesco de algumas sociedades africanas.

Referencial Teórico

Com origem nas coroações de reis negros realizadas no período colonial brasileiro, o maracatu nação vai deixando de se apresentar exclusivamente nas festas religiosas e participando aos poucos dos festejos de Momo. Essa participação se intensifica a partir de 1888, quando com a abolição da escravatura, a figura do Rei do Congo, que até antes do período citado tinha a função de disciplinar os seus subordinados e de auxiliar a coroa portuguesa na tarefa de tornar menos tensa a convivência do negro africano na cidade. Sobre esse momento vivido, Leonardo Dantas Silva diz que:

No início da segunda metade do século XIX, começa a ser registrada na imprensa do Recife, de forma esparsa, a presença do Rei do Congo nos festejos carnavalescos, conforme alusão do noticiário do Jornal do Recife de 12 de março de 1859 –“também não faltou o célebre bumba-meu-boi, o apreciável fandango e a cena do Rei do Congo”-; no ano seguinte, em sua edição de 25 de fevereiro, o mesmo jornal dá notícia do “batuque do Rei do Congo e do clássico bumba-meu-boi” (2000, p. 55).

Ainda sobre a participação das cortes negras no carnaval do Recife, nos diz o mesmo autor:

Com a abolição da escravatura negra, em 1888, e a proclamação da República em 1889, a figura do Rei do Congo- Muchino Ria Congo- perdeu a sua razão de ser. Os cortejos dos reis negros já presentes no carnaval, por sua vez, passaram a ter como chefe temporal e espiritual os babalorixás dos terreiros do culto nagô e vieram a se fazer presentes no carnaval do Recife. Em sua nova forma, o antigo cortejo do Rei do Congo veio a ser chamado, pela imprensa de então, de maracatu (2000, p. 56).

Até hoje nos maracatus nação, a ligação com a religião dos Orixás é mantida. Geralmente à frente de um maracatu nação está um babalorixá ou uma ialorixá. A relação com o candomblé é tão forte que pode ser observada em todos os elementos que compõem o cortejo real. Desde a calunga - boneca sagrada que recebe várias obrigações religiosas - até as cores que são pintadas as alfaias, tudo tem uma ligação direta com o orixá patrono do brinquedo. Outro indício da relação maracatu nação/candomblé na atualidade, diz respeito à quantidade significativa de participantes do brinquedo que também são candomblecistas.

Segurando a batuta que rege essa orquestra está o guardião da nação, que desde o início dessa manifestação cultural desempenha papel fundamental na manutenção dos saberes que envolvem o referido brinquedo¹.

Cabe ao guardião guardar e zelar pelo conhecimento acumulado das gerações que um dia lideraram o maracatu que integra e ao mesmo tempo tem como função preparar um novo sucessor bem como disciplinar e organizar todos os ensaios, a vida escolar dos componentes adolescentes, enfim, exerce um papel de educador que extrapola os limites formais já citados na introdução.

É justamente nessa prática educativa, de cuidar de forma mais inteira dos integrantes do maracatu que percebo um diálogo entre a liderança de Mestre Afonso e o tio avuncular das sociedades africanas. Segundo Marc Auge(1975), nas relações de avunculato, presente nas sociedades matrilineares ou de predominância matrilinear, o tio materno exerce o papel de educar o sobrinho; essa educação ocorre sob vários aspectos, incluindo o arranjo de casamento para o sobrinho. Mesmo essa relação acontecendo, sobretudo em grupos africanos, percebe-se uma similaridade nas relações pessoais dentro do maracatu Leão Coroado.

¹ Forma como os integrantes das agremiações em geral se referem à entidade que pertencem.

Especialmente no tocante a parte educativa, é que percebemos um diálogo entre o tio da relação avuncular e o trabalho de mestre Afonso frente ao Leão Coroado; pois é preciso extrema disciplina, empenho, energia por parte dos jovens que integram o corpo percussivo e essa disciplina é exigida pelo regente, numa prática educativa forjada no cotidiano do grupo.

Dessa forma, a partir do momento que o indivíduo aceita compor o maracatu Leão Coroado, fica estabelecida uma aliança, onde práticas como a fraternidade, familiaridade, e ajudas recíprocas são constatadas diariamente. Assim, observamos que a relação de avunculato e de aliança, desde que contextualizadas podem ser encontradas em várias sociedades, inclusive a nossa.

Metodologia

Como recurso metodológico, recorri à literatura que trata do assunto explicitado. Busquei ainda conversar com o próprio Mestre Afonso (visto que estudo o Maracatu Leão Coroado desde 2006). Assim, pude trabalhar articulando o repertório escrito e o repertório oral, numa confluência que percebo ser a forma mais inteira de realizar pesquisa científica na atualidade, numa escuta poética, tendo inclusive a possibilidade do erro como especificidade do fazer científico. Concordo com Prigogyne, quando o mesmo sinaliza que a arte deve ser a nova metáfora da ciência, visto que no fazer artístico está previsto as incertezas; forma de implodir com a arrogância cartesiana, de supor que dará conta de todas as dimensões humanas apenas pela experimentação e controle absoluto de dados.

Considerações Finais

A partir dessa visita aos textos de Augé (1975 e de Silva 2000), compreendi com mais clareza as relações que o humano pode ter com a educação. E que essa relação dependerá muito do contexto no qual o indivíduo está inserido. Percebo também, que mesmo tão distantes, como no caso do tio avuncular africano e Mestre Afonso, sendo este último, contemporâneo nosso; as práticas com relação a educação são muito próximas. Talvez, rever currículos, rever o contexto atual da sociedade, rever o próprio modelo de escola e universidade que temos hoje fosse uma saída para a

crise vivida na contemporaneidade. O exemplo dado por Mestre Afonso, por exemplo, é uma espécie de utopia a ser apostada, pois o mesmo consegue atrelar em seu fazer educativo uma amálgama onde disciplina, o lúdico, o respeito ao outro e, sobretudo a escola sejam vistas não encasteladas em muros, mas como a mesma deve ser vista: no cotidiano de todo cidadão, que entende que sem educação de qualidade não há país que consiga diminuir injustiças, estreitar abismos sociais nem muito menos ter esperança que um dia o Brasil possa de fato falar em pé de igualdade com os países do chamado primeiro mundo.

Agradecimentos

A Deus, fonte de tudo.... Minha mãe Ana Borges, fonte do todo amor.

Referências

AUGÉ, Marc. **Os domínios do parentesco**. São Paulo: Edições 70. 1975.

SILVA, Leonardo Dantas. **Carnaval do Recife**. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 2000

SOUZA, Luciano Borges de. **Maracatu Leão Coroado: Origem e História** – Projeto de Iniciação Científica defendido na FUNESO em 2006.